

Prefácio

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Dirce Maria Antunes Suertegaray

Ao receber esta solicitação, escrever um prefácio para esta obra, confesso que fiquei apreensiva. O motivo da apreensão, para quem me conhece, se deve ao fato de que, mesmo sendo geógrafa, falo de um outro lugar. De um lugar que trata do visível e busca essa interpretação pela mediação dialética que perfaz a vida, ou seja, busca compreender no invisível dos processos a essência do visível, a vida, objetivamente no contexto de relações sociais que a conformam e, com estas, suas paisagens e seus espaços. De outra parte, não trabalho conceitualmente com corpo e memória, embora opere com o conceito de paisagem. Como se referem os organizadores, corpo, memória e paisagem são, neste livro, apresentados como palavras em triangulação. Portanto, expressam diferentes possibilidades de leitura dessa triangulação, conforme se manifestam nos textos aqui apresentados. Então, esse indicativo foi o que me permitiu escrever essas breves palavras.

Entendo, pois, que *Geografias e (in)visibilidades* tem como pressuposto tencionar a Geografia e suas clássicas leituras do mundo, pois, o mundo em si, na sua objetividade, é de uma clareza ímpar para quem não estiver encoberto por discursos ideologizantes, centrados na imbricada relação entre patriarcado, colonialismo e capitalismo. Desvendada essa relação, a visibilidade está posta.

Então, *Geografias e (in)visibilidades* busca demonstrar essa dialética entre visível e invisível, ou seja, revelar espaços geograficamente opacos e trazê-los à “luz” do conhecimento geográfico. Abrindo com isso a possibilidade de construir uma geografia que revele a multiplicidade, a diversidade e a desigualdade da vida humana e, ao mesmo tempo, a multiplicidade, a diversidade e a desigualdade das paisagens habitadas. Podem ser essas paisagens reconstituídas pela memória daqueles que as habitam, invisíveis à Geografia sob outras análises, mas certamente visíveis a quem as habita.

Possibilidades analíticas novas, neste início de século XXI, especialmente nesses anos em que pelo menos duas forças estão em jogo. De um lado, o desejo de liberdade, autonomia e respeito ao outro valoriza o olhar diverso. De outro, o desejo homogeneizador,

Prefácio

dominador, explorador e controlador de corpos e de paisagens – que a memória histórica mostra como sempre recorrente nesta roda mundo – promove a submissão.

A obra é a expressão dessa construção em Geografia, que resulta do encontro dos distantes, porém próximos dois países, Portugal e Brasil. Nas nossas origens estão os portugueses, mas não só. Nossas origens trazem a marca da colonização, mas também da resistência, muito dos corpos e paisagens que aqui se revelam é a expressão no presente de uma memória histórica que não poderá ser apagada, pois estaríamos negando para estes, para os quais o desejo é dar visibilidade, o reconhecimento de sua identidade, indígena, africana, por exemplo, e sua forte presença na formação histórica brasileira, de forma visível e contraditoriamente invisível, ou sendo desejada invisível.

Enfim, *Geografias e (in)visibilidades* expressa uma trama de leituras, onde as referências ao corpo e a opressão se expressam em questões de gênero, em questões étnicas, em questões raciais ou sobre necessidades fundamentais. Resgatam memórias e espaços (paisagens) e, no conjunto, o livro encaminha para uma reflexão que diria epistemológica, na medida em que tenciona a geografia, historicamente visível, através de uma geografia das invisibilidades.

Dirce Suertegaray

Outono, Hemisfério Sul, 2017